

Saturis Dies **A Entrevista**

Sem santo nem senha

FOR **JOAQUIM LEITÃO**



CAETANO DOS SANTOS BASTOS ANÃO

Antigo Capellão de Lancieiros d'El-Rei

N.º 18 — Numero avulso 60 reis — 19 - III - 1914

Editor e proprietario: **MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.

A ENTREVISTA

Numeros publicados:

- Numero 1.** — Entrevista com JOÃO D'AZEVEDO COUTINHO.
- Numero 2.** — Entrevista com o notabilissimo estadista hespanhol D. EUGENIO MONTERO RIOS.
- Numero 3.** — Entrevista com o Sr. CONDE DE MANGUALDE.
- Numero 4.** — Entrevista com o antigo Ministro do Mexico em Paris, D. MIGUEL DIAZ LOMBARDO.
- Numero 5.** — Entrevista com o DR. CUNHA E COSTA.
- Numero 6.** — Entrevista com FERREIRA DE MESQUITA, ajudante do Sr. Conde de Mangualde.
- Numero 7.** — Entrevista com o PADRE DOMINGOS—O guerrilheiro de Cabeceiras de Bastos.
- Numero 8.** — Entrevista com a Senhora Marqueza de Rio-Maior sobre a SENHORA D. JULIA DE BRITO E CUNHA.
- Numero 9.** — Entrevista com o Sr. Conselheiro JOSÉ D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.
- Numero 10.** — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Primeira parte.
- Numero 11.** — Entrevista com o PADRE AMADEU DE VASCONCELLOS (MARIOTTE). Segunda parte.
- Numero 12.** — Entrevista com JOAQUIM OEIRAS — Historia d'uma evasão do presidio d'Elvas.
- Numero 13.** — Entrevista com o CAPITÃO-TENENTE DA ARMADA BRAZILEIRA SR. AMERICO PIMENTEL — Commemorando a Retirada do Sr. Bernardino Machado — A Republica Portugueza e a Republica Brasileira.
- Numero 14.** — Entrevista com o DR. LUIZ TELLES DE VASCONCELLOS — A fuga do presidio de S. Barnabé — Illusões e enthusiasmos.
- Numero 15.** — Entrevista com JOSÉ DE FARIA MACHADO, Secretario de Legação de Sua Magestade Fidelissima.
- Numero 16.** — Entrevista com o TENENTE SATURIO PIRES, Official da Columna de Paiva Couceiro.
- Numero 17.** — Entrevista com o CONSELHEIRO AYRES D'ORNELLAS, Capitão do Estado-Maior — Bismark e o sr. Bernardino Machado — O Futuro na Politica Portugueza — O Futuro no Exercito.

Ilustração Catholica

Assignatura annual, 2\$400 — Semestre, 1\$200 — Avulso, 60 reis

Pedidos ao proprietario Joaquim Antonio Ferreira Villela, R. Martyres da Republica — Braga

Revista litteraria semanal de informação graphica, collaborada pelos principaes escriptores portuguezes. Reprodiz em formosas e numerosas gravuras os factos mais importantes do paiz e do estrangeiro.



Clactano Santos Barros Anas.

A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 18

19 - 3 - 1914

A IGREJA e o ESTADO

N'este instante, de fogaz remorso democratico, em que a republica portugueza reconhece o grosseiro erro da lei da Separação da Igreja do Estado, entregando-a á reconsideração da sua *Convenção*, não sabemos de mais palpitante e elevado assumpto.

A lei da separação do pombalismo revolucionario portuguez não é uma defeza da supremacia do poder civil, não é um producto de consciences governantes livre-pensadores, não é apenas a declaração do divorcio de duas almas que houvessem confessado não poder continuar a sua união, por incompatibilidade de genios—o genio do christianismo e o genio revolucionario.

E' uma lei de perseguição á Igreja.

Os jornaes, radicaes e até os tolerantes, declaram que a lei da separação da Igreja do Estado é a *lei basilar da Republica*.

São n'este ponto mais sinceros do que imaginam e do que queriam.

Effectivamente, a existencia—breve! porque as republicas nunca são duradoiras, sempre são phases intermedias, e pontes de passagem preparatorias de uma fórmula monarchica defeituosa para outra mais perfeita e mais forte—, a existencia de uma

democracia só é possível perseguindo e manietando a Igreja.

O christianismo e a monarchia formaram, engrandeceram e glorificaram Portugal.

Durante os oito seculos da monarchia portugueza, se algum dos poderes invadiu e prejudicou o outro, foi o poder civil fazendo do clero agentes de eleições, e do Episcopado membros da maioria governamental, e não que o poder ecclesiastico invadissem ou sobrepujassem o poder civil.

Ligada ao Estado, a Igreja nunca excedeu o poder civil—o poder civil é que a adulterou, prejudicou, enfraqueceu e escravizou. Sempre. A unica maneira do livre-pensamento trabalhar e enfeudar a si a Igreja, é tornal-a dependente do Estado, n'um *modus-vivendi* de Religião do Estado. Os livre-pensadores—fanaticos, como todo o escravo do sectarismo vermelho—impossibilitados de usar os meios dados aos homens-de-estado, aos homens politicos, dignos d'esse nome, impacientam-se, enfurecem-se, e tentam,—tentaram-o sempre em todas as horas historicas e em todos os povos—acabar de vez com a Religião e a Igreja.

Representam a triste figura d'um

pobre diabo que quizesse acabar com o infinito, coitando a estrada do seu concelho, ou a ponte do seu riacho.

Matar a Igreja, exterminar a Religião é a mesma vã loucura de um fraco de espirito que, odiando a immortalidade da especie, por se ver achacado e condemnado na sua vida physiologica, entrasse a assassinar a familia, os vizinhos, suppondo que chegaria por esse processo a acabar com o genero humano.

E tanto assim que os livre-pensadores de todo o mundo nunca deixaram de enveredar por esse caminho.

Os livre-pensadores da republica portugueza assassinando cruelmente, barbaramente, o Padre Barros Gomes, e outro Padre Francez nos primeiros dias da outubroada, o que pensavam obter com esses crimes senão o exterminio da Igreja e da Religião?

Para que se deram a fuzilar padres os communistas de Paris?

Morreram todos os padres francezes? Morreu a religião em França? Derrocou a Igreja?

Tremeram ao menos os padres, diante da bebedeira communista?

Ah! lembrem-se d'aquella bella figura de sacerdote que se recusara dar o saltinho por cima da corda, com que os communistas costumavam illudir o assassinato com uma chumbada em fugitivos, e que ao sentir a descarga exclama:

— «Perdoae-lhes Senhor, que não sabem o que fazem!»

E abençoou os matadores, que desapareceram, enquanto o clero, a Religião e a Igreja continua a recusar-se ao cobarde salto da corda do livre-pensamento.

N'esses «torneios», como a gente da communa chamava aos assassinatos dos padres, gastou-se muito grão de pólvora, mas sem resultado: o grão

da verdade e da bondade teve muito mais penetração e efficacia.

Morreu a communa, excommungada por todas as consciencias e por todos os historiadores, e a Igreja e a Religião ficaram immortalisadas como já estavam por tantos outros sacrificios, e immortaes como são.

As democracias são, porém, sinceras ao confessarem que querem *exterminar o catholicismo em duas gerações*, como se comprometteu com a Maçonaria o sr. Affonso Costa.

A democracia reparte a Patria em individuos, em vez de encadenar as familias na belleza harmoniosa e sagrada das Patrias; para viver, a democracia tem de esphacelar a Patria; a Patria só se esphacela quando na alma de um povo mirrou a flôr eterna da sua religião.

No bivaque da derrota de 70, um homem de guerra francez olhava melancólico para os lumes do acampamento prussiano; n'isto, do campo prussiano, uma immensa voz se ergueu, tomando o espaço, enchendo a noite, abraçando-se á abobada infinita: — eram os canticos religiosos do exercito invasor, agradecendo aos deuses a victoria.

E esse homem de guerra disse entre si, e disse-o depois á Historia:

— «Compreendi, então, 'n'esse momento ao que deviam a victoria os allemães!»

E agora, n'este estrebuchar do radicalismo francez, a França, enfraquecida pela morphinomania democratica, vê a sua Igreja fortalecer-se, depurar-se, engrandecer-se, preparar-se para valer á nação que quiz matar a Igreja, com o apoio e a força que a Igreja tomou enquanto a Patria franceza desfinhava e decahia.

O clero francez não tem dotação, desde que Briand separou a Igreja do Estado; o clero francez não é dispensado do serviço militar.

Resultados?

O Seminarista entra no regimento, soffre os grosseiros embates do materialismo pratico das casernas; se não tem vocação nem fé, atira fora a batina, faz do cabeçaço um nagalho de *apache* e, em vez de lhe encontrarmos mais tarde o nome á frente de obras ou de missões, daremos com elle nas chronicas dos tribunaes, ou, então, brilhantes heroes nos areas de Marrocos.

Para o seminarista só volta o que tem fé, e vocação.

E, como não ha dotação, o clero francez não vê abraçar a vida ecclesiastica o pobre diabo que d'antes a abraçava como méro modo de vida.

Sem fé ou por modo de vida já ninguém se faz hoje padre em França. De modo que o clero francez tem hoje um sério recrutamento, auxiliado pela lei de separação, que lhe garante padres com fé, com elevação e com grande cultura scientifica, porque tendo deixado de ser uma profissão para desherdados que procuravam emprego vitalicio, a vida ecclesiastica em França voltou a ser uma carreira voluntaria para a nobreza e para os homens de Saber.

De outubro de 1913 a janeiro de 1914 abraçaram a vida ecclesiastica nove licenceados em Direito, quatro doutores em Philosophia, e trez medicos, tudo homens de grande cultura, e de provado talento, com as portas das faculdades e da vida publica abertas de par em par á sua esplendida mocidade.

Conhecemos um episodio que diz muito: um rapaz de excellente e conhecida familia franceza, ao acabar os seus preparatorios declara ao pae que quer ser padre. O pae responde-lhe que não lhe dá consentimento, que podia ser uma crise mystica passageira, que elle é menor, tem a sua educação scientifica incompleta, e,

que só depois de terminado o seu curso de engenharia e de completar os 27 annos, elle, pae, acatará a sua resolução.

O estudante continua o seu curso, e obtém a sua carta de engenheiro, premiado em todas as cadeiras. Ao fazer os vinte e sete annos chega-se ao pé do pae, e confirma-lhe:

— «Obedeci e respeitei a sua vontade. Peço-lhe que não me desvie da minha vocação».

E esse cerebro illustre é hoje um membro do clero francez.

A lei da separação da Igreja do Estado em França teve, pois, este unico resultado: elevação do espirito, da cultura e da moral do clero francez, o acrysolamento da fé nos catholicos francezes, e o retórno da alta sciencia ás mãos do clero.

Esses pobres bachareis em Direito, esses pequeninos oradores que teem esfalfado a vista e a cabecinha de fétos a estudar a historia romântica da Revolução, e que por ahi andam convencidos de que a França é livre-pensadora e materialista, ha-de um dia ter vergonha do seu atrazo mental n'este seculo, ao saberem que a sciencia franceza é espiritualista e que a mentalidade europêa está todos os dias fundamentando, em novas conquistas scientificas, a certeza mathematica do espiritalismo.

O cerebro e os intellectuaes portuguezes estão atrazados um seculo, pelo menos, e nem sabem nada do que se estuda e pensa de 93 para cá, nem de 93 para lá...

Deixem estar que não estão hoje de posse de mais cultura scientifica do que o antigo parcho d'aldeia portugueza acreditando que quem falava verdade era o «senhor deputado» e que o poder omnipotente estava nas mãos do «brazileiro».

Trabalha-se muito em França, (falamos-lhe só em França, porque, os

vultos republicanos, ainda cuidam que falam ou lêem, mas cuidam que não ha uma lingua ingleza, uma lingua italiana, uma lingua allemã e é justamente no meio medico, no antigo seio experimentalista, que o materialismo está sendo batido.

E a prova de que o materialismo é hoje apenas seguido por semi-ignorantes, pela sciencia de meia-tigella, é que os legisladores das leis de separação não são medicos, nem homens de sciencia — são seres incultos e pouco lidos como o sr. Affonso Costa.

A lei da separação não extermina o catholicismo nem em duas, nem em duas mil gerações.

Da lei de separação é que ha-de sahir uma ressurreição da fé aos catholicos portuguezes, um néo-esplendor do nosso clero, e um apogeu do poder da Igreja em Portugal.

Essa lei de separação, que o sr.

Affonso Costa engendrou, com pensões a *viúvas* de sacerdotes catholicos, era a lei basilar da republica, era, porque exprimia a consciencia de que se perseguindo e abatendo a Igreja a democracia podia ter mais algumas horas de vida em Portugal.

Era uma lei de perseguição, e por fanaticos voltados do avesso foi executada.

Pois assim mesmo o catholicismo tem tanta força que os perseguidores não tiveram remedio senão bolir-lhe.

Teve já um beneficio: pôr em marcha a renascença religiosa em Portugal, isto é, a renascença da nacionalidade.

Nunca, ensina-o a historia, um povo foi grande fóra das suas horas de grande fé.

Ha trinta mil annos que isto assim é, e nem trinta mil Affonsos Costas arranjam outra verdade universal.

ENTREVISTA

COM O PADRE ANÃO

Antigo capellão de Lancelros d'El-Rei

A lei da separação — Os Seminarios — Como se deve formar o soldado da fé — Clero Parochial — O cura d'aldeia — O clero em França — Uma lição commovente — Os fieis — Os oradores sagrados — Capellães militares — Depoimento de Emile Olivier — A antypathica excepção dos Inglezinhos — A nova cruzada — Como morrerá o sr. Affonso Costa.

Por algumas cartas, vindas á imprensa diaria, e por muitas outras vindas ter ao coração de amigos, se sabe que os homens que estiveram entre ferros da Republica, accusados do crime (?) de opinião monarchica, saíram das cadeias mais monarchicos do que para lá entraram.

Com os que padeceram exilios, ou n'este amargurado periodo estiveram no estrangeiro, succede outro tanto. Muitos dos que voltam ou dos que ficam — e que eram monarchicos quando para cá vieram —, voltam ou ficam mais monarchicos do que eram.

Poucos são os que n'este momento pensam e sentem como ha tres annos.

Os velhos, — podem ter tido erros, mas nem por isso deixam de ter alma e de sentir o soffrimento —, os velhos apressaram o seu poente. E um d'elles dizia ha pouco tempo:

— «Até os novos, os rapazes teem já cabellos brancos!»

Todos soffreram. E, dos que vieram, ainda nenhum deixou de affirmar que ao regressar caminha de frente para os soffrimentos que os acontecimentos e a Historia lhes proporcionaram. Ha uma acalmia hoje? Não é, porém, ainda a rendição da demagogia: é um leve armistício, tempo para a *formiga branca* curar os seus feridos de 26 de janeiro. Novos dias de lucta hão-de nascer, e quem para lá vae, certo de que não vae para adherir, não pode ser accusado de que vae para um commodo logar de camarote gosar a bordoadá que ha-de levantar-se na platéa.

Voltam mais monarchicos do que o que vieram, mas não voltam na mesma.

Soffreu-se, viveu-se, bebeu-se o calix amargo da desillusão, os cabellos embranqueceram, ennegreceu o coração — Somos outros.

Um homem publico conhecido não quer reconhecer-se tão velho como o pintor o phocou. E todavia o pintor viu e copiou o desvaste que n'aquella figura forte a amargura imprimiu. Elle envelheceu, sem dar por isso, e, com a memoria do que era quando veio, accusa o espelho de o embranquecer e carregar.

Os que menos mudaram foram os que só mudaram na epiderme e no pigmento dos cabellos.

Outros mudaram no cerebro e na alma.

Vieram monarchicos por sentimento, por decencia, por lealdade, por honra, por character, — voltam monarchicos conscientes.

Estes são irreductivelmente monarchicos.

Não ha trabalhos nem derrotas da Causa que os desviem, porque põem a Patria acima de tudo.

Não é preciso nomear nenhum. O paiz os verá na lucta, e lhes notará as mudanças e os progressos.

A todos achará precocemente envelhecidos, a todos notará que já não sabem rir.

Não ha transformações nem caminhadas para a perfeição mental ou espiritual que devam surprezar.

Este capellão militar, que Lisboa conheceu como homem de *sport*, descuidoso e alegre, encontrou-se com a forte corrente que a sciencia atravessa n'este momento na frente do demagogismo materialista.

Leu, ouviu, refundiu-se, fundamentou-se, fortaleceu-se, e é um campeão.

Chegou a Paris simples capellão militar: volta um apóstolo.

Não queremos elogiar homens; tihamos o dever de apontar ao publico uma victoria da sciencia, fortalecendo um servidor da fé.

N'este proprio dialogo se verá o antigo cavalleiro preocupado e en-

mesmado com os grandes e sérios problemas da Igreja e do bem nacional.

Está dada a palavra ao Padre Anão, antigo capellão de Lanceiros 2, e um futuro apóstolo espiritualista.

A lei da separação.

— Se poderá ficar acceitavel, mediante um processo revisionista, a lei da separação da Igreja e do Estado? Mas, meu amigo, isso é uma innocencia da sua parte. O que torto nasce, tarde ou nunca se endireita. E a lei da separação em Portugal veio ao mundo tão torta tão cheia de mazellas, tão tarada, que é impossivel, por mais remedios e drogas que lhe ministrem, tornar-se uma coisa sã, uma coisa aproveitavel, uma coisa digna. A junta medica a que vae ser sujeita é incompetente, por falta de bases sólidas das necessidades sociaes, para fazer um diagnostico scientifico, o qual indicasse os medicamentos apropriados á cura da doença. Você, vae ver o que sahe da tal junta medica, e depois me dirá se o doente fica ou não peor do que estava, quando recolheu pela segunda vez ao hospital de « S. Bento ». Paliativos, paliativos e mais nada! Não tenha illusões. Aquillo só tinha um remedio, e esse não o conhece a medicina democratica.

— Qual era esse remedio?

Os Bens da Igreja.

— Lá vae por descargo de consciencia: o sr. Affonso Costa disse que a Separação da Igreja e do Estado é a lei basilar da republica. Eu digo: a lei da separação da Igreja do Estado é a lei basilar da regeneração catholica e do rejuvenescimento da moral social no nosso paiz. Hoje não ha maior apologista da Se-

paração das Igrejas do Estado do que eu. A Igreja atrelada ao Estado, a Igreja na dependencia de todo o fiel farrapo investido de auctoridade civil, a Igreja em caldeirada com a politiquice sem moral, é uma irrisão e um escarneo que só poderá agradar ao comodismo catholico que só queira gosar os proventos sem supportar os trabalhos. A Igreja na dependencia do Estado ou o Estado na dependencia da Igreja, não comprehendendo. A Igreja livre, o Estado livre, isso sim, isso comprehendendo e acceto. Mas a Igreja na dependencia do sr. Affonso Costa, a Igreja fiscalisada pela *associação do registo civil*, a Igreja ás ordens do sr. regedor, isso é inadmissivel por mais pensões ecclesiasticas, por mais favoritismos democraticos que a nova revizão faça chover sobre essa lei, com a fagueira esperança de apaziguar as *consciencias* e as *conveniencias* perturbadas. Separação da Igreja do Estado mas *Separação de pessoa e bens*. Lá o marido ter enganado a mulher, e separar-se, roubando-lhe os bens, isso não, isso nunca, isso é uma verdadeira ladroeira. Separe-se o Estado da Igreja e com isso só a Igreja ganha, mas entregue-lhe o que á Igreja pertence, o que só Ella adquiriu, *o que é d'Ella e só d'Ella*. Este e só este é o remedio. A Igreja que viva, que medre ou que sôfra, que se sustente, que lucte para viver, mas sem favores, e sem dependencias nem expoliações do Estado. O Estado que fiscalise a Igreja, mas unicamente para Ella se não intrometer nas attribuições do Estado. *A Cezar o que é de Cezar, a Deus o que é de Deus*.

— Separada do Estado, tem a Igreja elementos materiaes para a sua função?

— A Igreja, de posse dos bens que legitimamente lhe pertencem, pôde facilmente sustentar-se e resistir ma-

terialmente com o decôro que lhe é indispensavel. Depois acontecer-lhe-hia o mesmo que áquelles rapazes que, pouco tendo trabalhado, se se encontram um dia sem o auxilio paterno, deixam a vida de descanso e mettem hombros ao trabalho decididamente, para ganhar a vida e fazer fortuna. A Igreja trabalharia e faria fortuna, esteja certo. O nosso clero, que no fundo é optimo, deixaria a vida romantica, a politiquice desvergonhada e seria em pouco tempo um exemplo no mundo scientificamente catholico. Estaria rico: isto é estaria renascido, porque a « fortuna » da Igreja não é o oiro, é a possibilidade de bem fazer.

A reforma dos Seminarios.

— Para isso era preciso reformar já a educação nos Seminarios.

— Isso salta aos olhos. E' indispensavel. E' nos seminarios que está a base da educação do clero. Os nossos Prelados, hoje mais do que nunca, teem o dever de olhar para os seminarios com o mais acrysolado amor e com attenção de psychólogos. E' da educação moral, scientifica e social que depende a maior ou menor elevação do clero, e é nos seminarios que essa educação deve ser ministrada com a maior solicitude. Na minha humilde opinião o curso de preparatorios nos seminarios deve *pelo menos* incluir o setimo anno dos lyceus, preferindo-se sempre o curso de sciencias. Além dos três annos de theologia, o seminarista deve desde o primeiro anno theologico ter uma cadeira especial de educação sacerdotal, onde lhe seja claramente descripta a vida publica e todos os embarços, inconvenientes, duvidas, serviços, perseguições e abysmos que n'ella encontra. O professor d'essa cadeira deve ser pelo menos um sabio, quando não

possa ser também um santo, e incutir no animo dos seus discipulos que, mais diabo do que o diabo só ha a politica. Inspirar-lhes horror á hypocrisia, ensinar-lhes a encarar *de frente* o bem e o mal, a amarem a sua profissão, a sua classe e a conduzirem todas as suas acções para a gloria da Igreja, do bem social e do interesse nacional.

Só depois de bem provada a sua vocação e bem examinada a sua sciencia philosophica e social deve ser *ordenado*. Mas antes de ir tomar conta da sua freguezia deve passar, pelo menos, um anno como coadjutor de um parochio, que o seja na verdadeira accepção mystica do termo.

— Assim devia ser: o sacerdocio, mais que nenhuma outra carreira, exige sobre uma vocação sincera uma educação profissional. O soldado, o escriptor, o entalhador só se fazem com annos de *metier*. O seminario deve ser um phyltro de vocações, e uma primaria preparação. Depois, no exemplo dos velhos soldados devem os novos apostolos ir aprender o caminho. Fez-se jámais na ordenação dos presbyterios portuguezes alguma coisa que com isto se parecesse?

— Não. Sahindo do seminario, sem a menor preparação para a vida publica, o padre vae logo tomar conta de qualquer freguezia. Nunca teve grandes relações com o seu Prelado, e agora só para resolver caso muito bicudo de consciencia é que se correspondem, não como Pae e filho, mas como general e soldado. Em compensação o padre liga-se logo com o regedor da sua freguezia, com o administrador do seu concelho, com o governador do seu districto, e, ou fica sendo um *mandalète* nas mãos d'estes senhores ou então arma em *mandão* politiquero. Pouco a pouco embota-se-lhe a consciencia, materialisa o seu mistér, faz-se agricultor, caçador, ga-

lopin politico, diz missas, faz enterros, administra sacramentos, *prêga sermões á Antonio Candido*, e afinal termina os seus dias sem ter prestado á sociedade aquillo que a sociedade lhe demanda — educação moral.

O Pastor.

— E na aldeia, não é hoje o padre um educador? Não ha já aquelle cura d'aldeia como eu conheci um que educou um homem de bem n'uma freguezia das Beiras e a quem ainda beije a mão já tremula dos 81 annos, e que tinha uma vista limpida apesar da cegueira lhe ter reduzido as duas pupillas azues a dois globos onde se reflectia o céu?

— Ha muitas e honrosas excepções, mas em regra, na aldeia ou na pequena villa o que o Estado e a Igreja nos offerecem é o seguinte: Um padre com vagas noções da sciencia da Vida e da Morte; um infeliz mestre-escola em que só a memoria foi exercitada e cultivada. Isto seria talvez sufficiente se o padre e o pedagogo soubessem ou pudessem aprender aquillo que ignoram; se os dois não estivessem acorrentados á despotica acção do Estado, deprimidos e marcados com o sello d'um inepto funcionalismo; se, livres nas suas respectivas corporações ahi encontrassem a atmospha intellectual e moral que os predispuzesse para a nitida comprehensão da sua elevadissima missão social. Mas nada d'isto se dá, meu amigo. O padre e o professor, ambos instrumentos consciences ou inconscientes de duas facções politicas antagonicas, ambos agentes de duas sociedades inimigas — a igreja clerical e a Universidade anti-clerical — ambos sem o amparo e o conselho de uma *elite* que os eduque, combatem-se, perdem o tempo n'um eterno conflicto dogma-

tico-orçamental, e, quaes sentinellas perdidas de dois partidos oppostos de dominação, fuzilam-se com balas de romantismo, sem nenhum se dar por vencido, mas convencidos, afinal, de que se não podem vencer nem convencer.

O actual clero francez.

—Póde dizer-me qualquer coisa sobre o clero francez?

—Na idade média, o clero, em França, como nas outras nações da Europa, era como que uma grande nação dentro da nação. Tinha o seu povo como tinha a sua nobreza: ignorantes e criminosos, sabios e virtuosos prelados. Durante o longo reinado de Luiz XIV poliu-se de todos os resquícios que ainda tinha de barbaria, e com o sangue dos martyres que offereceu á revolução de 1793 purificou-se de todas as culpas da classe e começou a preparar-se para a grande obra da regeneração social. Hoje é o que conheço de melhor, mais digno e mais respeitavel. Não póde calcular o que é o actual clero francez! A lei da separação da Igreja do Estado provocou-lhe novos brios. Provado na vocação, não tem desanimos, e impellido pelo amor do bem social presta-se com a mais sublime das dedicações a todos os sacrificios. Illustrado como nenhum outro, está, como nenhum outro, preparado para a lucta. Philosopho e theologo profundo, transporta tambem na sua bagagem scientifica grosso cabedal de sciencias experimentaes e assim armado com todos os engenhos da moderna dialectica está sempre a póstos para rebater o inimigo.

—Com um clero assim preparado não admira que o catholicismo em França vá vencendo e conquistando o campo inimigo. Mas que trabalho,

que esforço, que dedicação isso representa!

—Nem imagina! O padre em França e especialmente em Paris não descança um momento. Todos os campos lhe servem para semear a boa doutrina e por isso póde o meu amigo vê-lo na Igreja, na Escola, na Associação, no Hospital, na Conferencia, no Soccorro aos necessitados, confortando os doentes, fundando bibliothecas, desenvolvendo os *sports*, dirigindo jornaes, creando revistas, discutindo a mathematica, a astronomia, a chimica, a physica, a mineralogia, emfim servindo-se de tudo e de todas as coisas para exercer com fructo a sua divina missão—espalhar a palavra de Deus e conseguir o bem nacional.

—Quaes são os seus recursos para viver?

Parochia em Paris.

—Eu lhe digo. Para não me referir a outras, fallo-lhe apenas da Igreja parochial do bairro onde habito. Além do parocho,—um santo velhinho de 74 annos, o mais jovial, o mais encantador, o mais adoravel velhinho que conheço—a Igreja tem mais oito coadjuctores, quinze serventes, um magnifico corpo de capella, meninos de côro e dois archeiros. Tem mais uma escola para meninas, duas outras para rapazes, uma bibliotheca e uma repartição de soccorro aos pobres da freguesia. Pois tudo isto se sustenta, e se desenvolve com a esmola voluntaria dos fieis que de boa vontade concorrem para a grande obra de regeneração social que só a Igreja Catholica pode levar a cabo.

—E é grande a concorrência de fieis á Igreja?

—Um simples exemplo. Ha no bairro nove igrejas com uma média

de quarenta e cinco missas nos domingos e dias santificados. No domingo anterior áquelle em que a parochia festejava o grande benemerito da instrucção D. Bosco, o padre que fez a homilia na Igreja parochial preveniu os fieis de que no domingo seguinte a *quête*, costumadamente feita pelo clero a todas as missas, seria destinada exclusivamente ao auxilio das escolas de D. Bosco, e que para mostrar a muita conta em que essa instituição era tida pelo snr. Prior, elle mesmo com o seu primeiro coadjutor fariam a *quête*.

No domingo indicado celebraram-se como de costume oito missas, e no fim verificou-se que os fieis tinham dado de esmola para as escolas a bonita quantia de 140\$000 reis da nossa moeda, e isto só na Igreja parochial! Ora sabendo-se que 50 % dos fieis que assistem á missa, dão em cada *quête* apenas 10 reis, 25 % dão 20 reis, 15 % 50 reis e 10 % não dão nada, pode o meu amigo calcular o numero de pessoas que assistem á missa nos domingos e dias santos. E o que se passa na Igreja parochial, passa-se em todas as outras.

—E os oradores sagrados?

—Sempre a França os teve optimos, mas hoje bateu o *record*. O grande papel do padre francez, hoje, é a pregação, e não póde imaginar que optimos sermões e conferencias eu aqui tenho ouvido! Senhores, os padres francezes, de toda a sciencia positiva, servem-se das armas dos inimigos da religião para os confundir. Livro pernicioso que vem a publico é logo examinado, discutido e criticado pelo padre francez no pulpito e na cadeira da conferencia. Não se esconde o erro; traz-se a lume, mostra-se ao publico, confunde-se, e faz-se resaltar a verdade, scientificamente. Nada de romantismo, nada de nephe-

libatices. A palavra de Deus. O clacismo puro na ideja e na fórma. Mas se aprecio o padre francez no pulpito não o admiro menos na conferencia chã, em linguagem acomodada a todas as intelligencias, n'uma simplicidade de palestra familiar. Conheço alguns que são admiraveis n'este genero de educação.

—Exemplo?

—Além do serviço e direcção das escolas parochiaes, o primeiro coductor da Igreja parochial do meu bairro, tem a seu cargo as conferencias ou palestras educativas. Nas quartas e sabbados de cada semana, das 4 e meia horas da tarde até ás 6, lá está elle, sempre risonho e amavel, sentado na sua cadeira junto a uma mœza, falando, discutindo, riudo, chorando ás vezes, e sempre ensinando. Os fieis teem direito a fazer-lhe perguntas, apresentar objecções, requerer conselhos contanto que o façam por escripto n'um papel que devem metter n'uma caixa para isso destinada, e tres dias antes da conferencia. O nosso primeiro coadjutor aborda nos primeiros tres quartos de hora qualquer thema interessante que elle desenvolve com incomparavel mestria e guarda os outros tres quartos de hora para responder ás consultas que por intermedio da tal caixinha lhe foram feitas. Não se imagina o que ali apparece! Umas fazem rir, outras fazem pensar e muitas obrigam-nos a chorar, mas a tudo elle responde com o mesmo humôr, a mesma competencia e igual boa-vontade. Na ultima quarta-feira leu elle um dos 10 ou 12 papelinhos que tinham entrado na tal caixa e que dizia o seguinte: «*Sou viuva, fui sempre obdiente a meus paes, aos meus superiores e a meu marido. Nunca menti, e meu marido odiava a mentira e tinha horror ao roubo. Os meus antepassados e os de meu marido foram igualmente pessoas de bem. Ago-*

ra tenho um filho de 14 annos que, apesar de todos os sacrificios, pretendo educar nos sãos principios em que eu fui educada; por isso o tenho desviado das más companhias e lhe escolhi um collegio onde se ministra uma educação moral a toda a prova. O meu pobre filho, porém, tem os seguintes vicios: falta á aula, fuma, desobedece-me constantemente e até já tem chegado ao ponto de me roubar dinheiro. Não conseguindo nada com os meus conselhos nem com os meus castigos, peço a vossa reverendissima me diga o que devo fazer para melhorar o character do meu pobre filho. Depois de ter lido isto, o nosso coadjutor fez a mais bella pèrleccão que eu tenho ouvido até hoje. Admiravel na apreciação do character do incipiente criminoso, mas mais admiravel ainda nos conselhos que deu á mãe para conseguir a regeneração do pequeno. Assistiam varias senhoras á conferencia, mas nem o coadjutor nem ninguem sabia se alguma das assistentes seria essa mãe infeliz. A lição foi de tal ordem, enthusiasmo tanto o auditorio, que, no meio do mais recolhido silencio, levanta-se um vulto de mulher, e, com as lagrimas nos olhos, n'um repellão de sinceridade, esquecendo o lugar, esquecendo o anonymato, esquecendo tudo, diz, em voz commovida, para um rapaz que tinha a seu lado: « Se, depois do que ouviste ao sr. padre, ainda tornares a ser mau, deixo de ser tua mãe... » E lá sahio da Igreja, agarrada ao filho, e repetindo-lhe as palavras do padre. A assistencia achou graça ao caso, mas fez uma manifestação ao coadjutor que, fingindo rir, chorava commovido. E casos identicos repetem-se com frequencia. E dia a dia as conferencias são mais concórridas, e dia a dia a sã doutrina vae creando novos adeptos, e dia a dia a regeneração social vae lavrando no coração da França.

Os capellães militares na monarchia e na republica.

— Como capellão militar diga-me: o que era e o que entende que devia ser o capellão de um regimento?

— No tempo da monarchia eram classificados um pouco acima do mestre de ferradores, mas um pouco abaixo do mestre da charanga e muito áquem do picador. Eram uma irrisão! Hoje são como aquelles creados velhos cujos serviços já não podem aproveitar-se, mas a quem o patrão concede a esmola do antigo ordenado. No tempo da monarchia diziam, n'alguns domingos, missa ao regimento; se morria algum soldado acompanhavam-o ao cemiterio, e ensinavam o alphabeto ás creanças de vinte annos que iam fazer o serviço militar. Se demoravam muito tempo a dizer missa perdiam as boas graças da tropa; se frequentavam muito o hospital eram corridos pelos medicos e enfermeiros como aves agoirentas; se não conseguiam, em 35 ou 40 lições, que todos os soldados analphabetos (85 a 90 % não conheciam uma letra) soubessem ler, escrever, contar, historia, geografia, desenho, etc., etc., eram tidos como uns burros que não serviam para nada. Hoje não dizem missa, não acompanham os soldados fallecidos ao cemiterio, não ensinam meninos de 20 annos, mas tem a seu cargo a conservação da bibliotheca regimental e são amanuenses de 3.^a classe nos districtos de recrutamento e reserva.

— Era bem esse o destino que lhe traçou a legislação?

— Não. O legislador teve em vista um fim muito mais elevado. O regimento é uma pequena villa que se governa por leis muito especiaes e onde o elemento civil não tem entrada. O soldado não conhece o snr. governador civil, não sabe quem é o

snr. administrador, nada tem com o snr. regedor e a respeito de prior, só conhece o da sua aldeia. Entra no quartel desconfiado, cheio de medo, com saudades da família, da sua terra, dos seus divertimentos, e logo nas primeiras horas percebeu que no regimento vai ter uma vida muito diferente do que tem tido. Perde o nome e começa a ser um numero. Esquece o numero, falta á chamada e entra logo a contas com o snr. cabo. Amúia, não quer ir para a batata, tem pela prôa o sr. sargento. Refila ou larga o plantão, é mimoseado com 4 dias de detenção pelo snr. official. A coisa começa a ser dura, começa a cheirar a esturro e o soldado só vê na sua frente o snr. cabo, o snr. sargento, o snr. official. Ouve muito clarim, ouve muita berraria, vê tudo a correr, não percebe nada, esmorece, começa por desconfiar e acaba por odiar o regimento, o quartel, a farda e o diabo da vida militar. Não recebe conselhos — leva admoestações; não lhe inspiram resignação, — recebe castigos. Nas horas vagas foge do quartel, vai espaiar-se para a taberna, frequentar todos os meios nocivos aos seus princípios de moral, do civismo, da honra e do dever. Vinha ignorante da sua aldeia, vinha bissonho, vinha sem garbo, mas vinha bom, honrado, amigo da sua terra, respeitador de seus paes, bom trabalhador e digno cidadão. Volta cheio de vícios, conductor de doutrinas perniciosas, sem amor de Deus, sem amor da Patria e o maior inimigo da vida militar. E tudo isto porque? Porque o official instructor que mal tem tempo para tornar soldado esses homens, não pode, não sabe, nem lhe deixam fazer d'elle um bom cidadão e digno patriota. O official é, por dever d'officio, rispido, auctoritario, cumpridor da disciplina, executor do regulamento, e não pôde, ainda que

queira, pois para isso lhe falta o tempo, e a adaptação, tomar o papel, de director espiritual, de educador moral, de conselheiro complacente e de amigo dedicado. Esse grandioso papel educativo deve ser desempenhado pelo capellão militar: foi para isso que o lugar foi creado. Parocho, na verdadeira accepção do termo, dentro do regimento é que o capellão militar deve ser.

A collaboração do capellão militar na formação do soldado.

* — E como tornar effectiva essa bella missão dos capellães militares?

— Pegando no soldado logo que elle entra no regimento, explicando-lhe, apenas lhe entregam o numero, quaes são os seus deveres, mostrando-lhe claramente quaes os serviços e obrigações que tem a desempenhar, qual a importancia do soldado dentro da missão nacional, qual a coragem, a resignação e a força d'animo que lhe é precisa para ser digno da corporação em que deu entrada e bem merecer da sua patria. Além d'isso o capellão militar deve percorrer as casernas, assistir ás instrucções, frequentar o regimento a todas as horas, e informar-se nas diversas *companhias* quaes são os soldados que mostram mais abatimento, mais negligencia e que são mais castigados. Levantar os abatidos, animar os negligentes, consolar e incutir brio e pondunor aos castigados; aproveitar todas as occasiões para lhes despertar o amor da patria, o respeito ás auctoridades, o acatamento á disciplina, o horror ao vicio, a dedicação á familia e a resignação ao soffrimento; incutir-lhe o amor de Deus, ensinar-lhe os principios fundamentais da religião catholica, infiltrar-lhe no espirito todas as noções da moral

social, lembrar-lhe os grandes exemplos historicos do civismo, do valôr, da honra, da fé e da crença em Deus dos nossos antepassados, fazer, emfim, do soldado um optimo patriota e um digno cidadão, — tal é o *munus* do capellão militar.

— E o combate ao analfabetismo nas escolas regimentaes?

— Isso, meu amigo, pertence ao conselho de instrucção publica, — ao mestre-escola. O papel do capellão militar é muito differente, e não deve perder tempo a *fingir* que habilita em 30 lições analfabetos com o curso de chefe de repartição do ministerio dos estrangeiros. O ministerio da instrucção publica que espalhe a instrucção litteraria; o ministerio da guerra que espalhe a instrucção militar. Não se mêtta o sapateiro a tocar rabecão. Roubar, á instrucção militar e á educação civica e moral tempo precioso, é uma nephelibatice que só tem desculpa para quem não conhecendo os verdadeiros resultados da instrucção litteraria elementar nas escolas regimentaes pensa que isso deu alguma vez resultados praticos e compensadores dos sacrificios empregados. O capellão militar póde ser professor, não de creanças analfabetas de 20 annos, mas sim de historia, geographia, mathematica, moral, etc., no curso para sargentos. O resto é tudo uma historia da catochinha. Jomini dizia: *se eu estivesse em idade de commandar* (tinha noventa annos quando dizia isto) *quer um regimento, quer um corpo de exercito, pediria a Deus que não me desse muitos soldados letrados e topographos.* Émile Olivier escrevia: *A charrua faz melhores soldados que a escola. Um joven sabio, myope, anemico, sem vigôr muscular, será sempre um fraco combatente, ainda que seja corajoso. Metade dos homens que, pelo seu grande valor, foram collocados á frente dos*

exercitos da Republica, mal sabiam fazer o seu nome.

Sem auctoridade para poder dizer se é melhor o soldado analfabeto ou se é peor o tal letrado, o que eu sei, o que eu entendo, é que o regimento não deve ser escola de primeiras letras e que o capellão militar tem uma missão social muito differente a cumprir entre essa grande familia que se chama — exercito.

O Registo Civil.

— Voltando á vacca fria: a revisão da Lei da Separação da Igreja do Estado na sua opinião não dá nada?

— Nada pela palavra. A Igreja ha-de continuar a ser perseguida, isto é, vae continuar a renascer a fé n'aquelle paiz anarchisado pelo esquecimento secular de todas as tradições: a tradição religiosa e até a tradição da nossa historia que pouca gente sabe, embora não haja menino, com preceptor em casa, que não recite, de cór e salteado as vidas dos grandes homens... francezes.

— Outra coisa: o registo civil?

— Se eu fallasse a esses senhores do Registo Civil, dir-lhe-ia: Em quanto os senhores trabalharam para tornar o registo civil obrigatorio, eu tinha pelos senhores muita consideração, porque sempre respeitei muito as opiniões sinceras e as situações claras; mas agora queria dizer-lhes que os senhores estão muito *jazuitas*. 1.º porque os senhores querem passar por patriotas e vexam os seus patricios, não lhes deixando usar uma batina com que os *meusinhos inglezes* a toda a hora entontecem a vista de vossas senhorias, enxovalhando-lhes as barbas de livres pensadores. 2.º porque os senhores que dizem já não haver religião em Portugal, teem tão pouca confiança na força da sua propaganda, que até receiam que a simples appareição da batina d'um pa-

dre comsiga adepto; para a Igreja catholica, e lhes derreie o livre-pensamento. Que os senhores não creiam em Deus é um mal para os senhores, mas isso comprehendendo e estou prompto a mostrar-lhes o seu erro, como pessoa que os lamenta e os não despreza; que os senhores odeiem a Igreja, porque n'esse odio foram creados, também comprehendendo e também estou prompto a mostrar-lhes que laboram n'um erro; mas que os senhores *amem* mais os *inglezinhos* que os portugueses, isso, meus caros senhores, é que não é de portugueses, é de *jazuitas*. Eu não lhes fallo na batina por minha causa. Só a uso em serviço, quando a seriedade de meu mistér me impõe andamentos compassados. Fôra d'isso, na rua, no mundo, tolhe-me os movimentos, e eu gosto de ter os movimentos livres. Detesto os hypocritas. Entre Voltaire e Rousseau prefiro Voltaire, entre Herculano e Victor Hugo, prefiro Herculano, entre o sr. Affonso Costa e o sr. Brito Camacho, prefiro o sr. Costa, quer dizer, prefiro sempre aquelles que mostram bem o que são áquelles que fingem o que não são.

A Nova Cruzada.

— Olhe: eu nunca me alegrei em ver a nossa diplomacia maltratada pelas chancellarias internacionaes. Preferia que a republica nos desse gloria e esplendor a que nos arrastasse pelas ruas da amargura. Prova-se assim que a republica portugueza não tem pessoal e não tem viabilidade; mas prova-se isso á custa de muito desaire e desprestigio para o paiz. Com esse privilegio de que os *Inglezinhos* se gosam em Lisbôa me não alégro também e se revolta o sentimento nacional. A republica portugueza é livre pensadora e anti-catholica? Pois seja-o! mas ou arranje força para

proibir o uzo dos habitos talares a padres e seminaristas portugueses e estrangeiros ou encubra a sua fraqueza permittindo aos sacerdotes portugueses o uzo dos seus habitos, para o sentimento nacional não ser vexado a todo o momento pelos Inglezinhos passeando arrogantemente os seus habitos pelas ruas d'uma capital estrangeira como se acabassem de desembarcar n'uma ilha de cáfres, cobertos pela sua esquadra. E' vexatorio, e quem quizer que se alégre com essa imposição: eu não. A culpa, porém, não é do estrangeiro: é da lei da separação portugueza. A França vive no regimen separatorio, e eu quando encontro padres de batina, não sei se são francezes, hespanhoes, italianos, ou inglezes. São padres com que o Estado nada quer, mas com que também nada tem. Os nacionaes são tão respeitados como os sacerdotes estrangeiros.

— Deixe estar que aquillo ha-de acabar. Tenha a certeza. O clero ha-de revigorar-se juntamente por essas perseguições. Que o clero se prepare para a nova cruzada que o espera em Portugal, e que se trava a esta hora em todo o mundo culto. Que o clero portuguez não reduza a sua bibliotheca ao Breviario. Passou o tempo em que a fé se acobardava da sciencia: hoje é justamente a sciencia a melhor servidora, a melhor defensora da fé. O clero tem de elevar a sua cultura mental, e compenetrar-se da elevada missão espirital que lhe cabe na Néo-Renascença Portugueza. E' preciso que o nosso clero se prepare para essa cruzada. Tenho fé que ha-de ir a ella, bem apetrechado. E o sr. Affonso Costa ha-de parodiar, na hora da morte, *Juliano Apóstata*, e, elevando as mãos ao céu n'um arranco de desespero pela vanidade da sua tentativa destruidora, exclamará: **Venceste Galileu!**